



A falta que faz DARCY

TINHA DE SER FEVEREIRO, TINHA DE SER CARNAVAL. UM DOS BRASILEIROS MAIS ESFUZIANTE QUE A HISTÓRIA JÁ CONHECEU MORREU HÁ 10 ANOS. AMIGOS, COMPANHEIROS, ADMIRADORES E PARCEIROS CONTAM QUE FALTA FAZ DARCY RIBEIRO, O ANTROPÓLOGO, O PENSADOR, O FAZEDOR, O POLÍTICO, O PROFESSOR, O ROMANCISTA, O HOMEM QUE EXALAVA VIDA NA PONTA DOS DEDOS, NO BRILHO DOS OLHOS, NA VIBRAÇÃO DA VOZ, NO AMOR ÀS MULHERES, AO BRASIL E ÀS CAUSAS COLETIVAS.

“Coragem! Mais vale errar, se arrebrandando, do que poupar-se para nada. O único clamor da vida é por mais vida bem vivida. Essa é, aqui e agora, a nossa parte. Depois, seremos matéria cósmica, sem memórias de virtudes ou de gozos. Apagados, minerais. Para sempre mortos.”

DARCY RIBEIRO

Darcy

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Darcy comeu a vida, ele mesmo disse. Esfomeado, abocanhava-a em grandes nacos. Sedento, sorveu as experiências do viver em goles caudalosos. Tanta sofreguidão seduzia todos quantos por ela eram contagiados. Bem o disse Adolpho Bloch, o dono da *Manchete*: “Darcy, eu só queria ser mulher para te dar!” Seria mais uma no imenso rol de fêmeas que provaram desse macho inflado. Darcy Ribeiro amou as mulheres com o mesmo desassombro com que defendeu os índios, projetou escolas e universidade, pensou o país e quis ensinar os brasileiros a gostar imensamente do Brasil, com a mesma intensidade com que ele gostava.

Hoje, sábado de carnaval, faz 10 anos que morreu o mineiro de Montes Claros, filho de dona Fininha e seu Naldo, amigo de Glauber Rocha, Oscar Niemeyer, Anísio Teixeira. Interlocutor de Caio Prado Jr., Celso Furtado, Gilberto Freyre. Criador da Universidade de Brasília, dos Cieps (e de seu subproduto, o Sambódromo). Ficcionista da melhor qualidade (como lembra Ferreira Gullar), enfrentou a ditadura e o câncer, fugiu da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e fez de tudo para fugir da morte — não para viver por viver, mas para amar, comer, agir, pensar, escrever. “Os gozos de amar e de comer, principalmente o primeiro, foram e são fontes de minha felicidade. Mas gosto mais é de ler, de aprender, de escrever, de pensar, de sonhar”, escreveu Darcy em *Confissões* (Companhia das Letras, 1997). Morreu aos 74 anos.

Herdou do pai o gosto pelo amor. Apaixonado por Fininha, Naldo mandou-lhe solene carta, em 24 de outubro de 1920, na qual ele pede desculpas pela ousadia e confessa sua incerteza: “Embora nunca tenhamos fallado sobre amor, é certo que entre nós, ou pelo menos da minha parte, existe para com a Sra. Uma verdadeira sympathia, e como consigo não sei se dar-se-á o mesmo, venho pedir-lhe para que em termos claros e precisos se defina a meu respeito”. Logo depois, estavam casados.

O menino Darcy tinha exagerado amor pela mãe. Ao ver dona Fininha chegar em casa com o cabelo cortado e sem o coque antigo, ele partiu para cima dela. “Cai sobre ela com pancadas, tão enraivecido que tive de ser arrancado à força.” Tinha 12 anos. Viúva, a mãe criou sem ajuda os dois filhos (Darcy e Mário. Dirceu, o primeiro, morreu de sarampo aos 3 anos).

Teve mãe de leite: “A paz, meia paz, me veio quando alguém, substituindo mamãe, afundou minha cara no traveseiro de carne, que eram seus peitos (...) Faria alguma diferença o fato de que eu não mamava em minha mãe? Quail! Parando, por instantes, de sugar, eu ouviria, ao longe, o tambor do coração daquela mãe postiça, minha mãe de leite, batendo tranquilidade”.

Maiorzinho, gostava de brincar de médico com as garatinhas da vizinhança. Fazia a elas pedidos impubescíveis em página de jornal. Adulto, amou européias, latino-americanas, árabes, casadas, solteiras, brancas, morenas, índias. Casou uma vez, com a antropóloga Berta Ribeiro. Não teve filhos. Viveu 10 anos entre os índios. Aprendeu que eles são muito mais capazes “de compor existências livres e solidárias”, muito mais que os supostos civilizados.

Teve uma única filha, a Universidade de Brasília, assim declarou, reiteradamente, o próprio pai. Foi chefe da Casa Civil do governo João Goulart. Preso pela ditadura militar, exilado, peregrinou pela América do Sul. Foi assessor de Salvador Aliende até pouco tempo antes do golpe no Chile. “O exílio é uma experiência terrível, sobretudo para brasileiros. Temos um país tão grande tão cheio de sumos, seivas e cores que ser tirado daqui é um desterro”.

Era vaidoso assumido, gostava até mesmo dos bajuladores mais enebados. Tinha ambições políticas, “vontade de mando”. Bateu em pelo menos uma mulher — além da mãe, em quem deu pancadinhas de ciúme. Foi em Maria, amor vivido entre o Rio de Janeiro e Brasília. Um dia, ele a flagrou dando a mão a um amigo por debaixo da mesa. “Levei-a para o quarto e quebrei a sua cara, furioso. Depois a amei, mais furioso ainda.”

Em 1974, descobriu um câncer nos pulmões. “Quando tirei um pulmão, pensei: pelo menos não vou ter pneumonia dupla. Não adiantou muito, tive simples.” A morte instalou-se como quem tinha urgência. Mas precisou esperar 23 anos para vencer o homem dos muitos gozos, da vibração altissonante, dos olhos brilhantes e sorridentes, da palavra potente, sedutora, ereta.

“Verusca minha

Sua carta chegou pelo dia 20, quando alcançávamos o máximo de preocupação com a crise da UnB. Foi um alento, com a primeira palavra pessoal daí depois de muitos meses e porque quem escrevia era você, com esta expressividade tão sua. Mais do que as notícias de jornal, sua carta me deu a medida do sentimento de que estão todos possuídos, da unidade de ideais, da dignidade de postura encarnada em milhares de estudantes, professores e funcionários que foram chamados a personificar a cultura e revelaram estar à altura do mandato.

Depois li a proclamação — apelo dos estudantes — você imaginará com que sentimento. Meu primeiro impulso foi entregar-me onde quisessem, em troca da liberdade assegurada aos professores e estudantes de reorganizarem, livremente, a direção da UnB. Era uma ilusão, mas nela embemi durante dias minha frustração de nada poder fazer, quando aí todos davam tudo na luta. Afinal compenetrei-me de que o combate é mais duro ainda do que supúnhamos, de que exige energia ainda maior e que minha parte nele é, agora, prosseguir no que estou fazendo.

Mas dói, querida, ver de longe, inerte, atacarem como cães açulados a minha casa, a minha família, meus irmãos, meus filhos — únicos que tenho — sem nada poder fazer.

Por cima de tudo isto vem, agora, o sobrelhe que torna a luta ainda mais difícil, embora alargue extraordinariamente o círculo dos que são chamados a combater a boçalidade. Hoje, a luta na UnB é a luta do Brasil pelo controle do seu próprio destino. Na verdade, sempre foi assim. Nós é que não nos apercebíamos de quanto uma bandeira plantada no futuro para obrigá-lo a antecipar-se a si mesmo, como a UnB, é um ato de rebeldia destinado a chamar sobre si próprio toda a fúria do passado que se encarna no esforço para perpetuar-se.

Só consola de tudo isto a satisfação inexprimível de ver como os últimos e os primeiros se juntaram todos, numa unidade só, encarnando os ideais da UnB com um valor e dignidade tal que são, agora, nosso orgulho. E, sobretudo, a lucidez que, sobrepondo-se à emoção, nos mostra que, como o futuro, somos inexoráveis. Eles nos podem atrasar dias e meses, prolongando a noite, a miséria e a opressão, mas fatalmente, amanhecerá. E, então, todos estaremos juntos para levantar os muros derrubados, refazer as bibliotecas destruídas, e levar à frente, com maior arrojo, o projeto que será muito mais ambicioso porque eles terão feito a UnB ainda mais candentemente necessária.

Querida. Escreva sempre que puder. Suas cartas são uma luz nesta noite. E, por favor, cuide-se bem e se tranquilize, porque nossa munição principal, hoje, é a lucidez, o ardor e a paciência.

Seu, Darcy

(carta escrita em outubro de 1965, para a empresária e escritora Vera Brant depois do auge da interferência da ditadura na UnB que resultou na demissão de mais de 200 professores)

É sempre com muito carinho que escrevo sobre Darcy Ribeiro, meu velho amigo, que me acompanhou por muitos anos. Darcy é um desses brasileiros que fazem falta a este país. Como é bom lembrar a nossa experiência em Brasília, o seu entusiasmo quando realizamos os Cieps no Rio de Janeiro, lado a lado de Brizola. Como me agrada as conversas que tivemos ao estudar o projeto da Universidade de Constantine, na Argélia, a preocupação permanente do meu amigo de criar, entre os estudantes universitários, um intercâmbio maior de idéias, uma troca de experiência, a seu ver fundamental! Sua solidariedade e sua atenção comigo não tinham limites. Recordo-me da ocasião em que Darcy, esfuizante, subiu até o meu escritório: “Oscar, é dessa cadeira Thonet que você está precisando!” E até hoje ela me acompanha, e a memória de uma amizade que o tempo só faz apurar. Darcy, um verdadeiro irmão.

OSCAR NIEMEYER, arquiteto

Darcy faz muita falta para o país. Sua inteligência, sua sensibilidade e seu ímpeto apaixonado pelo Brasil e sua gente. Faz falta para os amigos, sua amizade, sua disposição permanente de conversar e compartilhar idéias, sempre instigantes e inovadoras. Faz falta para as ciências sociais e para a literatura, por sua extraordinária contribuição ao estudo e à valorização das matrizes formadoras do povo brasileiro. Faz falta para a política. Darcy era entusiasta da transposição dos mundos afetivos e científicos ao mundo da política. Suas reflexões foram determinantes para a compreensão que temos hoje do país e para meu trabalho na condução das políticas culturais do Ministério.

GILBERTO GIL, ministro da Cultura

Darcy foi um homem fascinante. Sempre admirei seu otimismo e, principalmente, o grande amor que dedicava ao povo brasileiro.

PEDRO SIMON, senador, PMDB-RS

Fui amigo de Darcy, convivi com ele no exílio no Peru. Era um dos homens mais inteligentes que conheci. Extraordinariamente inteligente. Com uma sagacidade e grande capacidade de realizar coisas. Não era somente o intelectual que pensa, que formula. Ele criava. Criou a UnB, os Cieps, o Sambódromo. Era o autor do projeto, o estimulador e o realizador. E era um escritor extraordinário. *Maira* e *O Mulo* são prova disso.

FERREIRA GULLAR, poeta

Darcy era uma festa móvel. Naquela alegria de viver, de conceber as coisas, de refletir. Brincávamos muito. Como sou pernambucano, ele gostava de contar que desmascarou a esquerda medíocre que não reconhecia o valor de Gilberto Freyre. É de Darcy, segundo o próprio Gilberto Freyre, a melhor interpretação de *Casa Grande & Senzala*, o prefácio de uma edição publicada na Venezuela.

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA, presidente da Academia Brasileira de Letras, ministro do Tribunal de Contas da União. Darcy ocupou a cadeira 11 da ABL.

É difícil encontrar uma pessoa com a capacidade de realização, especialmente para com os problemas da educação. A contribuição dele foi imensa nessa área. Primeiro com as escolas-parque (de Brasília), depois com os Cipês e mais tarde com os Ciacs, que infelizmente não deram certo. Éramos muito amigos. Ele tinha uma ascendência muito grande sobre mim.

JOÃO FIGUEIRAS LIMA, LELÉ, arquiteto

Todos os homens que são como Darcy Ribeiro fazem muita falta quando morrem. Porque é muito raro haver no Brasil homens que sejam realmente dedicados ao seu país e Darcy era dedicado ao Brasil de corpo e alma.

ANTÔNIO CÂNDIDO, escritor, crítico literário

A falta que Darcy faz é a de aproveitar o momento em que a crise educacional está finalmente mostrando a sua face para que ele pudesse usar a sua competência e o seu charme para seduzir o Brasil inteiro com a revolução educacional que o país precisa. Ele falava da crise e agora que ela aflorou dá vontade de a gente ir atrás dele, da sua capacidade de sedução da opinião pública.

CRISTOVAM BUARQUE, senador, PDT-DF

Darcy faz uma falta enorme. Sinto muito a falta dele nas conversas, nos debates, na formulação da identidade nacional. Ele dizia que o Senado era o céu e a gente ainda não tinha morrido.

FERNANDO GABEIRA, deputado federal, PV-RJ

Darcy era um pensador, ele pensava o Brasil. Depois de Alberto Pasqualini (sociólogo, senador pelo PDT, morto em 1960) e do Lúcio Bittencourt (jurista, senador pelo PDT, morto em 1955), ele foi o terceiro a ter propostas do PDT para o país. Deixou uma lacuna em termos de doutrina para o partido.

JEFFERSON PÉRES, senador, PDT-AM

Darcy era, por definição, um formador de cidadania. Deixou uma lacuna que não teve substituição. Darcy é um daqueles chamados pai da pátria, que realmente contribuíram para a identidade brasileira.

VLADIMIR CARVALHO, cineasta

Darcy era um homem muito generoso. Foi ele quem me encaminhou na direção dos povos indígenas, isso em 1968. Foi assim que cheguei aos ianomamis. Darcy era um homem acolhedor, uma pessoa aberta para receber pessoas e idéias, como são os ianomamis. Eles têm muita curiosidade com o que é novo, eles recebem as pessoas com os braços abertos, talvez até um pouco demais.

CLÁUDIA ANDUJAR, fotógrafa dedicada aos povos indígenas

Darcy Ribeiro foi uma das grandes inteligências que o Brasil já teve. No campo das ciências sociais mostrou com grande originalidade como o destino dos povos indígenas do Brasil é de perto afetado pelos rumos da nossa economia; reiterou a importância da educação fundamental como política prioritária do país. Na literatura, nos legou o lindo *Maira*, que expõe alguns dos grandes desafios da nossa gente, índios e não-índios, na difícil tarefa de conciliar sonhos com a dura realidade do cotidiano capitalista.

CARMEN JUNQUEIRA, antropóloga, professora de pós-graduação da PUC/SP

Darcy faz muita falta e não somente em relação ao samba. Darcy era um professor, um intelectual de grande envergadura.

JOÃO SINHO TRINTA, carnavalesco

Depois da morte dele, houve um vácuo muito grande na luta pelas questões indígenas. Em todas as áreas, como pensador, antropólogo e como político também. A academia não conseguiu responder às expectativas dos povos indígenas. Ele abriu grandes passos na consciência da sociedade brasileira sobre os direitos indígenas. O Darcy não ficava bajulando o índio, como muitos indigenistas fazem para se manter no poder. Ele era uma pessoa franca com os índios. Apontava erros, riscos. Darcy não deixou discípulos, não temos mais o aliado que ele sempre foi.

MARCOS TERENA, presidente do Comitê Intertribal e coordenador da Central de Informações Indígenas, www.viaton.org